

NOTA SÔBRE UMA EPISTEMO- LOGIA CONTEMPORÂNEA: O HOMEM CONTEMPORÂNEO DIANTE DO CONHECIMENTO

André Haguette

A situação presente do mundo e das ciências fornece de uma maneira ao mesmo tempo concreta e brutal a problemática de uma interrogação teórica sôbre o valor do conhecimento humano. Por um lado o valor do conhecimento humano é inegável e deve ser afirmado contra os anti-intelectualistas, os irracionistas, os céticos e os relativistas absolutos. Diante da progressiva e irreversível dominação do homem sôbre o mundo e o universo, em uma palavra, sôbre a natureza pelo seu trabalho inteligente, diante das vitórias incessantes e diárias das ciências exatas e sociais e o êxito da tecnologia montante invasiva que se torna presente em todos os momentos da vida do homem, diante do aumento constante da produtividade econômica e a marcha linear para uma sociedade de abundância que se esforça para vencer a escassez e diante do cosmonauta voando para outros planetas e ocupando o espaço há bem pouco ainda moradia dos deuses, cujo silêncio terrorizava até um Pascal, diante de tôdas estas conquistas e muitas outras, o homem contemporâneo não está disposto a pôr em xeque radicalmente o valor do conhecimento humano. Muito pelo contrário, quase que naturalmente, por um reflexo cultural e histórico, êle acredita no homem e na sua capacidade de triunfar das forças ainda desconhecidas. Se esta face da realidade atual do mundo fôsse a única, o otimismo científico que tomou conta do homem do século passado com tanto fanatismo envolveria tranqüilamente o homem de hoje. Êle desenvolveria uma filosofia idealista de crença no poder absoluto da razão humana seja êste idealismo de tipo racionalista que "consiste em dissolver o real na subjetividade", seja do tipo empirista e positivo negando "tôda subjetividade real em pro-

velto da objetividade". (1) Mas o homem contemporâneo um pouco reflexivo e crítico escapa a estas duas ideologias filosóficas por constatar até que ponto êste triunfo do homem é contraditório e nitidamente insuficiente e que o fundamental resta a fazer se é que um dia o homem terá a penetração gnoseológica e a coragem de ação necessárias para realizá-lo. Nosso mundo é também e talvez sobretudo o mundo da competição, do medo e da dominação que testemunham sem equívoco o fracasso do homem e a sua incapacidade de se adequacionar de uma só vez ao ser e a viver na verdade translúcida da comunicação e da participação. A primeira guerra mundial abalou a euforia epistemológica do homem do século XX, a segunda guerra mundial, o imperialismo que a esta sucedeu sob a forma de guerra fria, a brutalidade resultante do subdesenvolvimento e de todos os seus males que êstes se chamam fome, miséria, analfabetismo, exploração... etc. vieram definitivamente para essa época jogar pelo chão esta euforia epistemológica e mostrar fria e dolorosamente que esta fé total no poder do espírito humano não passava de uma utopia a serviço de uma classe dominante ou em outras palavras que não passava da ideologia de classe que tomava conta de todo o mundo. Hoje o homem se defronta com uma sociedade a dominar e a fazer com um mundo humano a construir e por aí se infiltra uma dúvida irresistível sobre o valor do conhecimento humano e sobre a coerência da ação humana e sua moralidade.

IRREDUTIBILIDADE DE UM CERTO REAL AO PENSAMENTO E O SEU PRIMADO

Uma filosofia assim como uma teoria do conhecimento não nasce do nada nem da única força do ser pensante totalmente desvinculado da sua vivência concreta. Como diz o filósofo J. P. Sartre a filosofia não é um "meio homogêneo" nem "uma abstração hipostasiada", mas ela se constitui e — com ela uma teoria do conhecimento — "para dar expressão ao movimento geral da sociedade". (2) E o existencialista Maurice Merleau-Ponty nos mostrou suficientemente que qualquer teoria é "perspectivista" concordando neste ponto com Pierre Teilhard de Chardin que afirmava que toda compreensão do real e do ser depende do seu "ponto de observação" fazendo do homem "o centro de perspectiva". (3) Por isto, o homem contemporâneo — diríamos melhor o homem de após guerra — melhor do que o homem da idade moderna e do século XIX compreende que não há conformidade perfeita entre o ser e o conhecimento. Êle, por causa da sua própria situação existencial, compreende a irredutibilidade do ser

(1) J. P. Sartre, *Questão de Método, Difusão Européia do Livro*, p. 32, nota.

(2) *Ibidem*, p. 9.

(3) Pierre Teilhard de Chardin, *O fenômeno humano*, Herder, 8, p.

ao saber, a incomensurabilidade entre o real e o pensamento. Hoje percebe-se que Kierkegaard e Marx tinham razão contra Hegel o primeiro lembrando que "o homem *existente* não pode ser assimilado por um sistema de idéias", (4) que o vivido não pode ser objeto de um saber, que a aventura pessoal da subjetividade individual escapa a qualquer conceituação exatamente como Bergson mostrou que o movimento foge ao pensamento racionalizante. O segundo, Marx, também tinha razão contra Hegel introduzindo a especificidade da ação na elucidação do ser saindo do círculo fechado constituído da razão (racionalista) pensante e do ser. O homem conhece e conhece a si mesmo fazendo, vivendo e produzindo. Essa verdade gnoseológica o homem de após guerra não pode esquecê-la e o que ele procura explicar dialéticamente é o êxito e o fracasso do conhecimento do homem, a sua confiança e a sua desconfiança no valor do espírito humano.

Todo o problema a respeito do valor do conhecimento humano está resumido nesta pergunta: há ou não há uma incomensurabilidade do ser ao saber e se houver em que medida esta incomensurabilidade pode ser diminuída? Se houver conformidade entre o ser e o pensamento, não existe problema do conhecimento: o valor do conhecimento é absoluto. Mas então como explicar os fracassos do homem e a sua incapacidade de dominar totalmente a natureza, de dominar a sociedade e a si mesmo? Como explicar o subdesenvolvimento, a guerra, o *apartheid*, o imperialismo? Se, por outro lado, não houver conformidade de um certo real ao pensamento, o conhecimento não é todo poderoso mas sim laborioso, histórico, gradativo, êle se faz ao longo dos séculos de trabalho e esforços; êle é por fazer embora não esgotará jamais a totalidade do real. É bem verdade que haveria uma terceira posição epistemológica que consistiria em afirmar a inadequação absolutamente irredutível de todo o real ao saber, mas nesta o homem contemporâneo não embarca facilmente pois então como justificar o êxito evidente das ciências e o progresso?

O REALISMO GNOSEOLÓGICO

Irônicamente, o teórico contemporâneo do conhecimento encontra uma base sólida para uma fundamentação da teoria do conhecimento que se situa com toda segurança entre o materialismo e o espiritualismo como gostava de repeti-lo Merleau-Ponty, entre o racionalismo idealista e o empirismo, entre a teoria da subjetividade absoluta e o da objetividade também absoluta, lá onde menos o esperava: nas ciências exatas. Sartre tem toda razão de afirmar: "A única teoria do conhecimento que pode ser válida hoje é a que se funda sobre essa verdade da microfísica: o experimentador faz parte

(4) Sartre, ob. cit., p. 14.

do sistema experimental.” (5) “Nem objetividade pura nem subjetividade pura; na unidade do conhecido, objeto e sujeito aliam-se irredutivelmente.” (6) Nem passividade do sujeito nem atividade independente. Uma boa fenomenologia do conhecimento nos obriga a constatar a orientação fundamental do sujeito para o objeto (para o real) e o papel prioritário do objeto. Nossos conhecimentos, nossa consciência diz com justeza o existencialismo fenomenologista é sempre “consciência de”, “conhecimento de”. O outro é essencial no reconhecimento de si. Mas nada também de teoria de reflexo: o racionalismo kantiano, ao tentar fazer direito a atividade do sujeito, se encontrava com tóda razão e esta verdade sobrevive ao sistema de Kant. Ela deve ser reconhecida e assimilada.

O CONHECIMENTO COMO TAREFA

Afinal é impossível hoje esquecer que o conhecimento humano tem uma história; êle é essencialmente histórico, êle conta com o tempo, êle é uma *tarefa* e não um *fato*. O espírito humano apreende o real no seu trabalho, na sua ação; o homem conhece fazendo e faz conhecendo. Aqui a perspectiva dialética e histórica é essencial para sair das aporias das teorias do conhecimento e enxergar com verdade o conhecimento humano. Nem afirmação do valor absoluto do conhecimento nem descrença total, mas a difícil posição daquele que vê que o homem não é nem anjo nem animal nas palavras de Pascal. A difícil posição dialética de quem sabe do necessário envolvimento do homem na evolução e no tempo e da sua possibilidade de ação, de transformação a qual não é verdadeiramente humana sem ser uma *praxis*, isto é uma prática-teórica. É nesta história que o homem verdadeiramente sujeito faz que êle constata e compreende o valor sempre real e sempre incompleto do seu conhecimento.

B I B L I O G R A F I A

- Jean-Paul Sartre — *Questão de método*, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966, 146 p.
Jean-Paul Sartre — *Critique de la raison dialectique*, NRF, Editions Gallimard, Paris, 1960, 755 p.
Pierre, Teilhard de Chardin, *O fenômeno humano*, Editôra Herder, São Paulo, 1966, 348 p.
Fernand Van Steenberghen, *Epistemologie*, Louvain, 1965, 246 p.
Maurice Merleau-Ponty — *Phenomenologie de la perception*, NRF, Editora Gallimard, Paris, 1945, 526 p.

(5) *Ibidem* p. 31.

(6) Chardin, obra citada.